

A GESTÃO *MULTICAMPI* NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS: UMA ANÁLISE SOB AS PERSPECTIVAS DA TEORIA DOS CAMPOS

Elisangela Possato Sentanin¹; Fabiano Yamamura²; Camilla Piai de Mattos³; Luiz Manoel de Moraes Camargo Almeida⁴; Andrei Aparecido de Albuquerque⁵

1 INTRODUÇÃO

A partir dos anos 2000, com a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Brasil passou por uma significativa expansão e interiorização do ensino superior. O programa, lançado pelo Decreto nº 6.096/2007, visava aumentar o número de matrículas, reduzir desigualdades regionais e promover inovações pedagógicas. Entre 2003 e 2014, o número de *campi* federais saltou de 148 para 321, promovendo o acesso à educação superior em regiões antes desassistidas.

Nesse contexto, o modelo organizacional *multicampi* ganhou protagonismo, levando universidades a se reorganizarem institucionalmente para gerenciar *campi* geograficamente distribuídos. A gestão *multicampi* apresenta vantagens como a ampliação do acesso e o estímulo ao desenvolvimento regional, mas também enfrenta desafios relativos à alocação de recursos, à gestão orçamentária e à coordenação acadêmica entre unidades descentralizadas.

Este trabalho tem como foco a análise da experiência *multicampi* da UFSCar, considerando os impactos administrativos, acadêmicos e estruturais de sua expansão. A abordagem teórica recorre à Teoria dos Campos (Fligstein; McAdam, 2012), à teoria da estruturação de Giddens (1984), à sociologia de Bourdieu e à análise de redes organizacionais (Smith-Doerr; Powell, 2005).

2 OBJETIVOS

¹ pós-graduanda em Administração e Sociedade, UFSCar

² pós-graduando em Administração e Sociedade, UFSCar

³ pós-graduanda em Administração e Sociedade, UFSCar

⁴ professor orientador, UFSCar

⁵ professor orientador, UFSCar

O objetivo principal é analisar a gestão *multicampi* na Universidade Federal de São Carlos, identificando os desafios e os benefícios desse modelo, com ênfase na distribuição de recursos, nas dinâmicas de poder e na integração entre os *campi*. Busca-se ainda contribuir com estratégias de aprimoramento da governança universitária, subsidiadas por arcabouços teóricos contemporâneos.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em análise documental e revisão bibliográfica. A UFSCar, instituição criada em 1970 e com sede em São Carlos, São Paulo, possui atualmente quatro *campi*: São Carlos, Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino, além da previsão de implantação de uma nova unidade em São José do Rio Preto.

Foram analisados documentos institucionais como o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), relatórios de gestão, normativas internas e políticas de alocação orçamentária, bem como estudos acadêmicos sobre o tema. O referencial teórico mobilizado permite compreender a gestão *multicampi* como um campo de disputa simbólica e material entre diferentes agentes institucionais.

A metodologia será posteriormente complementada com entrevistas semiestruturadas com gestores, docentes e técnicos administrativos, para aprofundar a compreensão das dinâmicas vivenciadas nos diversos *campi*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise documental revela que a estrutura *multicampi* da UFSCar foi fortalecida pelo REUNI, que viabilizou a criação dos *campi* de Sorocaba (2005) e Lagoa do Sino (2012). A expansão promoveu maior capilaridade institucional, ampliando o acesso ao ensino superior e fomentando o desenvolvimento regional, especialmente em municípios do interior paulista.

Por outro lado, observou-se a presença de desafios recorrentes à gestão centralizada, como a desigualdade na distribuição de recursos, dificuldades de integração entre os *campi*, sobreposição de funções administrativas e burocratização dos processos decisórios. A centralização permite maior controle orçamentário e padronização de procedimentos, mas limita a autonomia das unidades descentralizadas, dificultando a adequação às realidades locais.

Com base na Teoria dos Campos, entende-se que os diferentes agentes institucionais (gestores, professores, técnicos e estudantes) operam em um espaço de disputa simbólica e material, onde se confrontam interesses distintos pela definição das regras de funcionamento e pela apropriação dos recursos disponíveis. Bourdieu contribui ao evidenciar as assimetrias entre os *campi* quanto ao capital simbólico (prestígio, tradição acadêmica), o que influencia diretamente a visibilidade institucional e as possibilidades de investimento.

Giddens, por sua vez, fornece uma lente útil para compreender como as estruturas institucionais são tanto condicionantes quanto produto da ação dos agentes, revelando o papel da agência na transformação das práticas administrativas. A análise de redes organizacionais complementa ao demonstrar como os *campi* se relacionam com atores externos, como prefeituras, empresas e outras instituições, em busca de parcerias, recursos e legitimidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da gestão *multicampi* nas universidades federais brasileiras, à luz da Teoria dos Campos de Fligstein e McAdam, das contribuições de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, oferece uma compreensão abrangente das dinâmicas de poder, agência e estrutura no campo educacional. As universidades federais, ao implementarem uma gestão *multicampi*, enfrentam desafios significativos relacionados à descentralização administrativa, distribuição desigual de recursos e à conciliação de interesses entre *campi* localizados em diferentes regiões do país.

A centralização da gestão *multicampi* contribui para a padronização de processos, maior controle orçamentário e alinhamento estratégico. No entanto, pode gerar dificuldades na adaptação às realidades locais, burocratização excessiva e menor participação das comunidades acadêmicas na tomada de decisão. Por outro lado, a descentralização favorece a autonomia dos *campi*, permitindo maior flexibilidade na gestão acadêmica e administrativa, mas pode resultar em desigualdade na distribuição de recursos e aumento da complexidade gerencial.

A Teoria dos Campos permite entender como os diversos atores, desde a administração central até os gestores locais e os próprios alunos, disputam recursos e buscam modificar as regras do jogo em um campo educacional caracterizado por tensões entre centralização e autonomia. A Teoria de Bourdieu complementa essa visão ao destacar como o capital simbólico e as desigualdades de prestígio acadêmico entre os *campi* influenciam a alocação de recursos e as oportunidades para os diferentes agentes. Já Giddens, com sua teoria da estruturação, oferece uma abordagem útil para compreender como as estruturas organizacionais das

universidades são simultaneamente moldadas e transformadas pela ação dos indivíduos, refletindo uma interdependência entre agência e estrutura. Além disso, a análise de redes se revela fundamental para compreender como as interações entre os *campi* e outros atores externos como governos locais, empresas e outras instituições educacionais impactam a gestão e o desenvolvimento das universidades federais, possibilitando tanto colaborações estratégicas quanto dependências de recursos.

Apesar das contribuições deste estudo, uma limitação identificada foi a análise concentrada em um único caso, o que pode restringir a generalização dos achados para outras universidades federais com diferentes contextos regionais. Além disso, a abordagem teórica poderia ser complementada por análises empíricas mais aprofundadas, considerando dados qualitativos e quantitativos sobre a gestão *multicampi*. Pesquisas futuras podem explorar comparativamente diferentes modelos de gestão *multicampi* no Brasil, avaliar políticas públicas voltadas à descentralização do ensino superior e investigar estratégias inovadoras de governança acadêmica colaborativa.

Em síntese, a gestão *multicampi* nas universidades federais não é apenas um desafio logístico e administrativo, mas também um campo dinâmico, onde relações de poder, interesses contraditórios e diferentes formas de capital e agência intercalam e moldam o futuro da educação superior no Brasil. A compreensão dessas dinâmicas é crucial para o aprimoramento das políticas públicas e a promoção de uma educação superior mais inclusiva, equânime e descentralizada.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. O campo econômico. **Política & Sociedade**, v. 4, n. 6, p. 15-58, 2005.

BRASIL. Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 24 abr.2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 12 ago.2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Análise sobre a expansão das Universidades Federais 2003 a 2012**: Relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt->

br/media/sesu/pdf/destaques/analise_expansao_universidade_federais_2003_2012.pdf.

Acesso em: 12 fev. 2025.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. The Iron Cage Revisited: Institutional Isomorphism and Collective Rationality. **American Sociological Review**, v. 48, n.2, p. 147-160, 1983. DOI:10.2307/2095101.

FLIGSTEIN, N; MCADAM, D. **A theory of fields**. New York: Oxford University Press, 2012.

GIDDENS, A. **The constitution of society: outline of the theory of structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984.

LAUXEN, S. L. Universidade multicampi. In: MOROSINI, M. C. (Coord.). Enciclopédia de pedagogia universitária: glossário. Brasília: INEP/MEC, 2006, v. 2.

NEZ, E. Os dilemas da gestão de universidades multicampi no Brasil. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 131-153, maio 2016. DOI: dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2016v9n2p131.

SANTOS, M. A. E. S.; PAZ, L. F. M.; SILVA, G. M.; BERTASSI, A. L. Programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das Universidades federais, REUNI: análise do programa. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v. 13, n. 2, p. 280-291, abr/jun 2022. DOI: 10.6008/CBPC2179-684X.2022.002.0019.

SMITH-DOERR, L; W. POWELL, W. Networks and economic life. In SMELSER, N.J.; SWEDBERG, R. (ed.) **The Handbook of Economic Sociology**, 2005, ed. 2, p. 379-402.